

possível e viável: o equilíbrio entre a centralização e a descentralização no governo eclesial. A centralização é necessária para garantia da própria fé e da comunhão eclesial. O processo de inculturação, mais arriscado e difícil do que parece, não pode ignorar a realidade do primado e necessita conferir com ele e seus organismos a segurança e autenticidade da inculturação. De outro lado, sem uma sadia descentralização em favor das Igrejas Particulares será impossível a inculturação²⁷.

Há duas grandes dificuldades para a inculturação. A primeira procede da própria seriedade da Igreja em preservar seus valores mesmo secundários e considerar como patrimônio o que foi acumulado em sua história. O "status quo" chega quase a identificar-se com a fé global. Torna-se difícil sacrificar alguns destes "velhos" valores e acolher outros que se apresentam como "novidades". Há uma ten-

dência em subordinar a missão de evangelizar ao "estabelecido", quando a inculturação pede o contrário, a subordinação do "estabelecido" à evangelização.

A segunda dificuldade é o despreparo do clero, indiscutivelmente o autor principal da inculturação. Preparado com toda seriedade para executar o que está prescrito e escrito. Ora, a inculturação, por ser processo existencial, ultrapassa o escrito, exigindo prudente e ampla criatividade, que não constitui o "forte" do clero. Torna-se imprescindível uma séria preparação teológico-litúrgica para que Bispos, Presbíteros e Diáconos se preparem para a inculturação.

Monsenhor Roberto Mascarenhas Roxo é Doutor em Teologia e História, e Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — FAI.

Endereço:

Av. Nazaré, 993
CEP 04263-100
Ipiranga — SP

27. Por vezes a centralização torna-se centralismo doentio, como no caso das fórmulas de consagração na tradução brasileira. "Isto é meu corpo que é entregue por vós", de acordo com todos os textos bíblicos, foram "corrigidas" por um sábio curial em "será entregue... e será derramado", em desacordo com todos os textos bíblicos. Um capricho em diâmetro oposto à inculturação.

O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (III)*

Pe. Dr. Beni dos Santos

Os Catecismos tradicionais, mesmo aqueles elaborados no clima de renovação e atualização proporcionado pelo Concílio Ecu-
mênico Vaticano II, concentram seus ensinamentos mais no polo dogmático (exposição das verdades da fé) e no polo moral, reservando pouco ou quase nenhum espaço para a vida litúrgica. A própria doutrina dos sacramentos é exposta sem referência ao contexto litúrgico. Neste ponto, sobretudo, o Catecismo da Igreja Católica é inovador.

Na segunda parte, antes de tratar dos sacramentos em particular, expõe, de modo didático, simples e, ao mesmo tempo, profundo, a doutrina da Igreja sobre a liturgia. De fato, "sem a liturgia — ensina

o Catecismo — a catequese ficaria reduzida a um ensinamento exterior, e a moral que dela provém seria "letra incapaz de dar a vida". A vida litúrgica é o "meio" no qual a Igreja expressa sua fé, desenvolve a vida nova dos discípulos de Jesus e alimenta a dimensão orante de toda a vida cristã. Assim, a consideração sobre a vida litúrgica precede logicamente a exposição sobre a oração, que se encontra na conclusão do Catecismo. Sem referência à liturgia, a oração individual ou em grupo pode cair em expressões subjetivistas ou reduzir-se a uma experiência religiosa privatizante. Por isso mesmo ensina a Constituição *Sacrossantum Concilium*, citada pelo Catecismo: "...a liturgia é o

* Continuação do Tema abordado nas Revistas anteriores n. 3 e n. 4.

cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força¹.

A liturgia é, até mesmo, o cume da atividade pastoral da Igreja. O sentido último de toda a ação pastoral é a vida em Cristo. Mesmo as atividades pastorais que se desenvolvem fora da esfera litúrgica possuem, nesse sentido, uma ligação com a liturgia.

Neste artigo, continuo a desenvolver a introdução à leitura do Catecismo da Igreja Católica, iniciada nos dois artigos precedentes². As reflexões se referem à segunda parte do Catecismo, dedicada à *celebração do mistério cristão*. Pretendo apenas comentar brevemente as suas características mais expressivas. Começemos pela *base antropológica*.

A liturgia está estruturada em regime de sinais, que envolvem o ser humano como nó de relações, ou seja, em todas as dimensões: a **natureza**, a **cultura**, a **comunidade**, a **sociedade**. Na liturgia estão presentes diversos elementos da natureza, alguns deles modificados pelo trabalho humano e transformados em cultura. Além da **água** — elemento natural fundamental — encontramos o **óleo**, o **pão**, o **vinho**. Os elementos da

natureza, mesmo quando transformados em produtos culturais pela atividade do ser humano, expressam a presença de toda a criação na adoração, no louvor e na ação de graças a Deus. A presença do Espírito em toda a criação (Cf. *salmo 104,29-30*) faz com que cada elemento da natureza tenha certo caráter litúrgico e uma aptidão sacramental. Foi, pois, com muita naturalidade que a Igreja apostólica assumiu diversos elementos da natureza, alguns deles transformados pelo trabalho humano, para torná-los matéria dos sacramentos eclesiais. A mesma coisa ela fez com relação aos elementos culturais presentes na liturgia, pois a ação do Espírito envolve também as expressões culturais dos povos e grupos humanos. Na liturgia, diversos elementos estão presentes: **lavar, comer, beber, impor as mãos, ungir**. Como os elementos da natureza, também os elementos da cultura possuem uma aptidão para serem inseridos na vida litúrgica da Igreja. Portanto, é na sua própria atividade litúrgica que a Igreja encontra o fundamento e o dinamismo para a inculturação do evangelho, da fé, e, sobretudo, da liturgia. Enquanto culto oficial do corpo místico de Cristo, isto é, da cabeça e dos membros, a liturgia possui uma dimensão cós-

mica. Envolve o ser humano em seu relacionamento com a natureza e a cultura.

Em continuidade com a dimensão antropológica, o Catecismo expõe a doutrina dos sacramentos, antes de tudo, na *perspectiva da encarnação*. Os sacramentos prolongam a dinâmica da encarnação, pois são sinais pelos quais o Verbo encarnado continua atuando no mundo. Ele é o sacramento do Pai. Pela sua humanidade, tornou visível o amor salvífico de Deus. Como ensina S. Paulo, nele **"apareceu a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador"** (Tt. 3,4). Por meio da Igreja, na totalidade de seus gestos sacramentais, de certo modo sua encarnação se prolonga na história. O Catecismo cita a propósito o ensinamento de S. Leão Magno: **"O que estava visível em nosso Salvador passou aos Sacramentos"**³. Cita também o ensinamento de S. Agostinho, que se refere aos **"sacramentos da humanidade do Verbo"**⁴ e também à **"humanidade que convém a todos os sacramentos"**⁵.

Considerados na perspectiva da encarnação, os sacramentos mostram ainda que a salvação se prolonga na história e atingem o ser humano na sua corporeidade, isto é, na sua totalidade historicamente situada. Em última análise, os sa-

cramentos expressam a dinâmica encarnatória da graça e da salvação e envolvem todas as etapas da existência humana.

Outra característica da liturgia, que se encontra no Catecismo, é a sua *dimensão pneumatológica*. Trata-se de um aspecto relevante que é fruto da rica pneumatologia nele contida, conforme observei no artigo anterior. O mistério pascal de Cristo, realizado uma única vez, perdura para sempre. A partir da ascensão, inicia-se a liturgia eterna do Senhor glorificado. A liturgia sacramental não repete o mistério da salvação, mas, pela ação do Espírito, torna-o presente. Torna visível e eficaz, na Igreja, a liturgia celeste, até que o Senhor venha (Cf. *Ap. 22,17*). Portanto, é o Espírito que, no tempo da Igreja, através da economia sacramental, comunica a vida que o Verbo encarnado e glorificado recebe do Pai. Neste sentido, a liturgia tem a sua fonte na Trindade econômica na vida que Ela comunica. Mas, no tempo da Igreja, que é o tempo de presencialização do Espírito, a economia da salvação é, sobretudo, economia litúrgica e sacramental. O Espírito Santo é o seu artífice. Por isso mesmo, na liturgia, principalmente eucarística, a *epíclese* ocupa lugar central. Ela não

1. Const. *Sacrosanctum Concilium*, nº 10.

2. Cf. *Revista de Cultura Teológica*, nº 3 (Abril/Junho 1993) pp. 21-27 e nº 4 (Julho/Setembro 1993) pp. 25-31.

3. Ep. 74,2.

4. *Confissões* VIII, 2,4.

5. *Ibid.* IX, 6,14.

é apenas invocação do Espírito para a transformação sacramental dos dons oferecidos. Implora também o dom do Espírito sobre os participantes para que sejam santificados. Assim, pela ação do Espírito, a liturgia torna-se experiência de comunhão e aliança. Experiência da presença graciosa de Deus. O Catecismo insiste neste caráter de "acontecimento" que possui a ação litúrgica. Ela é, na verdade, o espaço de um encontro salvífico. Nela a salvação *acontece*, pois nos enxerta na Páscoa de Cristo. É o encontro com o Senhor ressuscitado. Isto vale, sobretudo, para a celebração da eucaristia. Desse modo, o ensinamento do Catecismo conduz os fiéis a olhar a liturgia não como simples conjunto de gestos e palavras, mas como lugar de encontro com o Ressuscitado, como demonstra a experiência dos discípulos de Emaús (Cf. Lc. 24,33).

A presença do Espírito como artífice da liturgia mostra também a sua *dimensão escatológica*. Segundo Mircea Eliade⁶, a liturgia das religiões presenciariza um tempo primordial, de natureza mítica, cujos atores são deuses e antepassados heróicos. A liturgia da Igreja, porém, não só presenciariza uma espécie de tempo primordial — o espaço de tempo histórico consagrado pela presença do Verbo encarnado — mas presenciariza

também, de certo modo, o futuro escatológico: a comunhão com a Trindade na liturgia inaugurada com a glorificação do Ressuscitado. Presenciariza a salvação plenamente vitoriosa. Por isso, envolve a Igreja toda: a Igreja peregrina na história e a Igreja que chegou à sua perfeição final na glória. Na celebração litúrgica, a Igreja terrestre e a Igreja celeste entram em comunhão.

Com sua ascensão, Cristo inaugura uma nova presença, uma nova relação com o tempo histórico e com todas as coisas. Sua presença se concentra na liturgia. É aí que o seu ato redentor é atualizado. Na celebração da eucaristia, que é o centro da vida litúrgica, sua presença se encontra no sinal do pão e do vinho, na pessoa daquele que preside. Encontra-se na Palavra, pois "*é Ele quem fala quando na Igreja se lêem as Escrituras*"⁷. Sua presença se encontra também na assembléia, que é a expressão do caráter eclesial da presença do Ressuscitado. É ele quem afirma: "*Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles*" (Mt. 18-20).

A dimensão escatológica da liturgia determina também o seu *caráter festivo*. Trata-se de uma dimensão oportunamente recordada pelo Catecismo e que é necessá-

rio recuperar na prática pastoral. A festa exerce, em nossa vida, uma função utópica. Interrompe o ritmo do cotidiano, do rotineiro. Coloca-nos em um nível superior de existência marcada pela exaltação e exultação. Reabastece-nos de energia e esperança para enfrentar as dificuldades do cotidiano da vida. Neste sentido, toda celebração festiva, onde os símbolos estão sempre presentes, é uma espécie de refeição moral. Seria bom que a vida fosse uma festa contínua. Como isso não é possível, o ser humano tem necessidade de interromper, de vez em quando, o cotidiano da existência para celebrar a festa. Este *caráter festivo* o possui, de modo forte, a liturgia cristã, pois ela celebra a presença do Senhor da glória. Faz-nos entrar no seu mistério, isto é, na salvação realizada e oferecida como dom. Envolve-nos nela.

Finalmente, a liturgia possui um *caráter evangelizador*, que não foi esquecido pelo Catecismo. As Sagradas Escrituras, principalmente os Evangelhos, têm sua origem no contexto litúrgico. São escritos nos quais a comunidade expressa a sua fé. Por esse motivo, a celebração litúrgica é o espaço mais apropriado para acolher a Palavra de Deus como acontecimento salvífico, inclusive para descobrir o seu sentido espiritual. Assim, a celebração litúrgica é também ação evangelizadora. Esta ação evangelizadora está contida não só na proclamação da Palavra, mas também nos ritos e símbolos. A liturgia, no seu conjunto, é uma

interpretação autêntica da revelação divina, como ensina o Catecismo. De fato, a oração litúrgica expressa a fé da Igreja e é realizada na fé da Igreja. Expressa pois aquilo que se deve crer.

Para **concluir**, desejo ainda observar: a partir do **Concílio Ecumênico Vaticano II** e, sobretudo, a partir da **Evangelii Nuntiandi** de **Paulo VI**, a Igreja tomou consciência mais profunda e explícita de que existe em função da evangelização. Ela nasce da atividade evangelizadora de Cristo e dos apóstolos e, no dia de Pentecostes, o Espírito a impele para evangelizar todas as línguas, isto é, todos os povos e culturas. Mas por causa da íntima vinculação entre liturgia e evangelização, podemos afirmar que a Igreja existe e é enviada ao mundo para celebrar e evangelizar. Liturgia e evangelização são inseparáveis. É na experiência litúrgica que a Igreja que evangeliza, toma consciência do núcleo da sua identidade: ela não é simplesmente uma Instituição Religiosa. É uma comunidade de graça e salvação. Convocada pelo Pai, conta com a presença do Ressuscitado e do seu Espírito. E, por essa razão, ela tem o poder de comunicar a Vida.

Pe. Beni dos Santos é Doutor em Teologia e Professor de Eclesiologia e Teologia do Espírito na Faculdade N. S. da Assunção.

Endereço:

Av. Nazaré, 993
CEP 04263-100
Ipiranga- SP

6. Cf. *O Sagrado e O Profano*. Ed. "Livros do Brasil", Lisboa.

7. Const. *Sacrossantum Concilium*, nº 7.